

SEPARATA

Vitor Carvalho
Presidente, Nova Atena

Faz todo o sentido que em situações especiais, como a que vivemos no dia dos *Jograis*, homenageando *Sophia*, se dedique uma Separata como a que aqui temos. É justo, bonito e inovador...



«REVISITAÇÃO DA *INTACTA MEMÓRIA* POÉTICA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER»

José Luís Fernandes dos Santos
Docente Nova Atena



Longos dias têm 100 anos. E neste dia 12 de novembro de 2019, cumprem-se cem anos e mais seis dias sobre a data de nascimento de Sophia de Mello Breyner. Assim num trabalho de cooperação entre o professor de **Literatura e Cultura Portuguesas** e o grupo **Os Jograis da Nova Atena**, cabe-nos em conjunto o grato privilégio de prestar a devida homenagem à vida e à obra poética de Sophia de Mello Breyner, neste tempo festivo da celebração comemorativa do seu 1.º centenário.

Gostaria que, à semelhança do que é dito no belíssimo poema *Intacta Memória*, conseguíssemos resgatar através do poder mágico da sua palavra poética - declamada pelos **Jograis da Nova Atena** - momentos e vivências memoráveis do seu percurso existencial e da sua criação literária (1).

Sophia de Mello Breyner Andresen nasceu no Porto, no dia 6 de novembro de 1919, no seio de uma família abastada e culta: de ascendência dinamarquesa do lado paterno e de origem aristocrática portuguesa do lado materno. A infância e adolescência de Sophia foram vividas, na Quinta do Campo Alegre, na cidade do Porto; a qual, segundo o seu testemunho, constituía: **“um território fabuloso com uma grande e rica família”** que efetivamente teve um impacto muito significativo na construção da sua identidade e na configuração da sua imaginação criadora.

Importa acrescentar que essa quinta, propriedade da família Andresen, ocupava um terreno a perder de vista até às margens do rio Douro; com vinha e pomar, pinhal, mata de tílias e soutos de castanheiros. Havia também um palacete e, em redor, um jardim de rosas e camélias.

Assim a casa e o jardim da Quinta do Campo Alegre constituem referências espaciais estruturantes do universo íntimo de Sophia, porque, apesar da passagem triturante do tempo, ela continua a ser a fiel depositária desse passado de **«vozes diferentes»**, mas imaculadamente **«intactas»** e **«suspensas»**; ou seja, mantendo no presente, a preservada memória do passado, perdurando no fluir evanescente do momento que passa, como um tempo mítico que vale a pena recordar e salvaguardar como um tesouro de valor inestimável (2).

Intacta memória

*Intacta memória se eu chamasse
Uma por uma as coisas que adorei
Talvez que o mundo regressasse
Vencido pelo amor com que o lembrei*
(1)

O jardim e a casa

*Não se perdeu nenhuma coisa em mim.
Continuam as noites e os poetas
Que escorreram na casa e no jardim,
Continuam as vozes diferentes
Que intactas no meu ser estão suspensas.
Trago o terror e trago a claridade,
E através de todas as presenças
Caminho para a única unidade*
(2)

Casa

*A antiga casa que os ventos rodearam
Com as suas noites de espanto e de prodígio
Onde os anjos vermelhos batalharam
A antiga casa de inverno em cujos vidros
Os ramos nus e negros se cruzaram
Sob o íman dum céu lunar e frio
Permanece presente como um reino
E atravessa meus sonhos como um rio*
(3)

Casa Branca

*Casa branca em frente ao mar enorme,
Com o teu jardim de areia e flores
marinhas
E o teu silêncio intacto em que dorme
O milagre das coisas que eram minhas.
.....
A ti voltarei após o incerto
Calor de tantos gestos recebidos
Passados os tumultos e o deserto
Beijados os fantasmas, percorridos
Os murmúrios da terra indefinida.
Em ti renascerei num coisas mundo meu
E a redenção virá nas tuas linhas
Onde nenhuma coisa se perdeu
Do milagre das que eram minhas.*
(4)

Mar

*De todos os cantos do mundo
Amo com um amor mais forte e mais
profundo
Aquela praia extasiada e nua
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.*
(5)

Essa mesma *Casa* pode fazer lembrar, no presente da escrita, uma espécie de aconchegada arca de Noé, de onde era possível observar a fúria dos elementos em tempos de invernia tempestuosa ou ainda um agreste firmamento «*lunar e frio*» (3).

Outro espaço primordial para Sophia é o da casa, na praia da Granja, onde passava os meses das férias de verão nos tempos da infância, adolescência e juventude. Este local, englobando a casa e a praia, sendo para ela o centro do mundo, conserva em si o essencial para um reencontro consigo mesma e com as origens recriadoras de uma plenitude e felicidade edênicas (4).

Importa acrescentar que além da casa, a praia da Granja constitui, entre os espaços primordiais de Sophia, aquele que a poetisa assumidamente mais afeiçoa (5). Em boa verdade, associado à praia da Granja, está esse deslumbramento primordial, diante do espectáculo da natureza, sobretudo do sempre renovado encanto do mar nos seus múltiplos mistérios (6).

E esse maravilhamento genesíaco de identificação com este espaço, remetendo continuamente para a pureza das origens, perdura, mesmo muito depois de Sophia ter deixado de passar o verão na praia da Granja (7).

Ora esse esse espaço e tempo de férias de verão (tão gratificantes!), continuando emocionalmente gravados no mais íntimo do seu ser, como «*a impetuosa /Juventude*

antiga», enquadraram também o estabelecer e o consolidar de preciosas e, entretanto, saudosas amizades (8).

A evocação da praia pode também ser uma oportunidade de estabelecer uma relação especial com a natureza, através da interação dos quatro elementos primordiais: a água (“*oceanos frios*”, “*as ondas*”); o fogo (“*luz*”); o ar (“*o vento*”) e a terra (“*praia [...] longa e lisa*”) (9).

Num outro poema, escrito quatro anos antes e integrado no livro *Coral*, encontramos o mesmo espaço - a praia - na qual se entrelaça uma sinfonia das vozes da natureza intimamente associada aos quatro elementos primordiais: ar (“*vento*”) a terra (“*pinheiros*”) o fogo (“*o sol*”) e a água (“*as ondas*”); deixando os dois últimos versos adivinhar uma “*nostalgia*” que mais parece eco poético de saudades da vivência muito impressiva de um tempo e de um espaço verdadeiramente imemoriais (10).

No primeiro poema do livro *Navegações* de Sophia de Mello Breyner Andresen, identificados com o sujeito poético coletivo, revela-se-nos ainda o espanto perante o inesperado maravilhamento por parte dos primeiros nautas europeus de paisagens de um exotismo deslumbrante, desvendado bem para lá da Taprobana (11).

Convirá salientar que a arte poética de Sophia toma a natureza como a principal fonte de inspiração e, nessa perspectiva, a poetisa - através da sua identificação com as impressões sensoriais que emanam do universo natural em todo o seu encantatório esplendor - procura estabelecer essa aliança com a realidade concreta e precisa que a envolve (12).

Inicial

*O mar azul e branco e as luzidias
Pedras – O arfado espaço
Onde o que está lavado se relava
Para o rito do espanto e do começo
Onde sou a mim mesma devolvida
Em sal espuma e concha regressada
À praia inicial da minha vida*
(6)

Há muito

*Há muito que deixei aquela praia
De grandes areais e grandes vagas
Mas sou eu ainda quem na brisa respira
E é por mim que espera cintilando a maré vazia*
(7)

Os Amigos

*Voltar ali onde
A verde rebentação da vaga
A espuma o nevoeiro o horizonte a praia
Guardam intacta a impetuosa
Juventude antiga –
Mas como sem os amigos
Sem a partilha o abraço a comunhão
Respirar o cheiro a alga da maresia
E colher a estrela do mar em minha mão*
(8)

Praia

*Na luz oscilam os múltiplos navios
Caminho ao longo dos oceanos frios
As ondas desenrolam os seus braços
E brancas tombam de braços
A praia é longa e lisa sob o vento
Saturada de espaços e maresia
E para trás de mim fica o murmúrio
Das ondas enroladas como búzios*
(9)

Praia

*Os pinheiros gemem quando passa o vento
O sol bate no chão e as pedras ardem.*

Longe caminham os deuses fantásticos do mar

Branco de sal e brilhantes como peixes.

*Pássaros selvagens de repente
Atirados contra a luz como pedradas
Sobem e morrem no céu verticalmente
E o seu corpo é tomado nos espaços.*

*As ondas marram quebrando contra a luz
A sua frente ornada de colunas.*

E uma antiquíssima nostalgia de ser mastro

Baloíça nos pinheiros

(10)

Navegações

Navegámos para Oriente –

A longa costa

Era de um verde espesso e sonolento

Um verde imóvel sob o nenhum vento

Até à branca praia cor de rosas

Tocada pelas águas transparentes

Então surgiram as ilhas luminosas

De um azul tão puro e tão violento

Que excedia o fulgor do firmamento

Navegado por garças milagrosas

E extinguiram-se em nós memória e tempo

(11)

Paisagem

*Passavam pelo ar aves repentinas,
o cheiro da terra era fundo e amargo,
E ao longe as cavalgadas do mar largo
Sacudiam na areia as suas crinas.*

Era o céu azul, o campo verde, a terra escura,

Era a carne das árvores elástica e dura,

Eram as gotas de sangue da resina

E as folhas em que a luz se descombina.

Eram os caminhos num ir lento,

Eram as mãos profundas do vento,

Era o livre e luminoso chamamento

Da asa dos espaços fugitiva.

Eram os pinheirais onde o céu poisa,

Era o peso e era a cor de cada coisa,

A sua quietude secretamente viva,

E a sua exaltação afirmativa.

Era a verdade e a força do mar largo,

Cuja voz, quando se quebra, sobe,

Era o regresso sem fim e a claridade

Das praias onde a direita o vento corre.

(12)

Em contraste com a natureza, sempre ansiada como o local da revelação da felicidade e da plenitude, a cidade é encarada como um espaço poluído, no qual nos sentimos enclausurados e amesquinçados (13).

Cidade
<i>Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas, Ó vida suja, hostil, inutilmente gasta, Saber que existe o mar e as praias nuas, Montanhas sem nome e planícies mais vastas Que o mais vasto desejo, E eu estou em ti fechada e apenas vejo Os muros e as paredes, e não vejo Nem o crescer do mar, nem o mudar das luas. Saber que tomas em ti a minha vida E que arrastas pela sombra das paredes A minha alma que fora prometida Às ondas brancas e às florestas verdes</i> (13)
As Fontes
<i>Um dia quebrarei todas as pontes Que ligam o meu ser, vivo e total, À agitação do mundo do irreal, E calma subirei até às fontes. Irei até às fontes onde mora A plenitude, o límpido esplendor Que me foi prometido em cada hora, E na face incompleta do amor. Irei beber a luz e o amanhecer, Irei beber a voz dessa promessa Que às vezes como um voo me atravessa, E nela cumprirei todo o meu ser.</i> (14)
Para atravessar contigo o deserto do mundo
<i>Para atravessar contigo o deserto do mundo Para enfrentarmos juntos o terror da morte Para ver a verdade para perder o medo Ao lado dos teus passos caminhei Por ti deixei meu reino meu segredo Minha rápida noite meu silêncio Minha pérola e seu oriente Meu espelho minha vida minha imagem E abandonei os jardins do paraíso Cá fora à luz sem véu do dia duro Sem os espelhos vi que estava nua E ao descampado se chamava tempo Por isso com teus gestos me vestiste E aprendi a viver em pleno vento.</i> (15)

Este sentimento de estar a desperdiçar a sua existência na **«agitação do mundo do irreal»** fá-la ansiar pelo regresso **«às fontes onde mora / a plenitude»** prometida (14).

O **«límpido esplendor»** associado **«às fontes»** também se pode cumprir **«na face incompleta do amor»** na assumida aventura de partilhar a sua vida com o seu amado (15).

Retomando o último verso que acabámos de ouvir, **«viver em pleno vento»** significa impregnar-se do êxtase agridoce da liberdade existencial e ao mesmo tempo sentir crescer o anseio de conseguir conferir **«à surpresa dos instantes»** o correspondente fulgor poético que, deles, dê a justa medida e um encanto perene. Nessa perspetiva se inscreve a confissão lírica, intitulada: **Pudesse eu** (16).

No entanto, se esse maravilhamento perante a **«vida de mil faces transbordantes»** inclui e valoriza ainda a expressão lírica do **«espantoso esplendor do mundo»**, ao apresentar a sua **arte poética III**, Sophia pretende, sobretudo e em contraponto, alertar para o não menos evidente **«espantoso sofrimento do mundo»**. Ora **«se em frente do esplendor do mundo nos alegamos com paixão, também em frente do sofrimento do mundo nos revoltamos com paixão»**. De facto, na célebre **Cantata da Paz** diz-se claramente: **«vemos, ouvimos e lemos/não podemos ignorar»** (17).

Ainda segundo Sophia de Mello Breyner Andresen **«O artista não é, e nunca foi, um homem isolado que vive no alto da sua torre de marfim»** por isso deve denunciar a violência, a insegurança, a perseguição e a opressão, sem esquecer todo o cortejo de misérias resultantes de tudo isto (18).

Na luta contra a injustiça e o medo (tão corrosivos!) da ditadura salazarista, era preciso uma coragem física e moral excecionais. Embora sem os nomear, Sophia, por certo, terá tido como referenciais exemplares de inspiração para o poema intitulado **Porque**, não só o conhecido **«general sem medo»** - Humberto Delgado - mas também o seu próprio marido - Francisco de Sousa Tavares - uma pessoa destemida de megafone na frente do conflito, como se comprovou na tarde do 25 de abril de 1974, em frente do quartel do Carmo (19).

Na realidade, Sophia **«rejeita a herança do pecado organizado»**. Essa fome e sede de justiça traduz-se na sua incessante busca poética de reedificação do **«altar sagrado da justiça»**, porque **«a justiça se confunde com aquele equilíbrio de coisas, com aquela ordem do mundo onde o poeta quer integrar o seu canto»** (20).

Sophia, ao procurar a justiça, a liberdade e a verdade, defronta-se com as forças destrutivas, instaladas no interior do ser humano, na sociedade e no exercício do poder. Por vezes, nesse empenhamento social e político a sua denúncia é irónica e os seus ensinamentos têm ressonâncias bíblicas. Assim acontece com o poema: **As pessoas sensíveis** (21).

Pudesse eu
<i>Pudesse eu não ter laços nem limites, Ó vida de mil faces transbordantes, Para poder responder aos teus convites Suspensos na surpresa dos instantes</i> (16)
Cantata da Paz
<i>Vemos, ouvimos e lemos Não podemos ignorar Vemos, ouvimos e lemos Não podemos ignorar Vemos, ouvimos e lemos Relatórios da fome O caminho da injustiça A linguagem do terror A bomba de Hiroshima Vergonha de nós todos Reduziu a cinzas A carne das crianças D'África e Vietname Sobe a lamentação Dos povos destruídos Dos povos destruídos Nada pode apagar O concerto dos gritos O nosso tempo é Pecado organizado</i> (17)
Data
<i>Tempo de solidão e incerteza Tempo de medo e tempo de traição Tempo de injustiça e de vileza Tempo de negação Tempo de covardia e tempo de ira Tempo de mascarada e de mentira Tempo de escravidão Tempo dos coniventes sem cadastro Tempo de silêncio e de mordaza Tempo onde o sangue não tem rasto Tempo de ameaça</i> (18)

Porque

Porque os outros se mascaram mas tu não
Porque os outros usam a virtude
Para comprar o que não tem perdão.
Porque os outros têm medo mas tu não.
Porque os outros são túmulos caídos
Onde germina calada a podridão.
Porque os outros se calam mas tu não.
Porque os outros compram e se vendem
E os seus gestos dão sempre dividendo.
Porque os outros são hábeis mas tu não.
Porque os outros vão à sombra dos abrigos
E tu vais de mãos dadas com os perigos.
Porque os outros calculam mas tu não.

(19)

A Forma Justa

Sei que seria possível construir o mundo justo
As cidades poderiam ser claras e lavadas
Pelo canto dos espaços e das fontes
O céu e o mar e a terra estão prontos
A saciar a nossa fome do terrestre
A terra onde estamos – se ninguém
atraísse - proporia
Cada dia a cada um a liberdade e o reino
- na concha na flor no homem e no fruto –
Se nada adoecer a própria forma é justa
E no todo se integra como palavra em verso
Sei que seria possível construir a forma justa
De uma cidade humana que fosse
Fiel à perfeição do universo
Por isso recomeço sem cessar a partir da
página em branco
E este é o meu ofício de poeta para a
reconstrução do mundo.

(20)

Pessoas Sensíveis

As pessoas sensíveis não são capazes
De matar galinhas
Porém são capazes
De comer galinhas
O dinheiro cheira a pobre e cheira
À roupa do seu corpo
Aquele roupa
Que depois da chuva secou sobre o corpo
Porque não tinham outra
Porque cheira a pobre e cheira
A roupa
Que depois do suor não foi lavada
Porque não tinham outra
“Ganharás o pão com o suor do teu rosto”
Assim nos foi imposto
E não:
“Com o suor dos outros ganharás o pão”
Ó vendilhões do templo
Ó construtores
Das grandes estátuas balofas e pesadas
Ó cheios de devoção e de proveito
Perdoai-lhes Senhor
Porque eles sabem o que fazem

(21)

A outra fonte da construção da justiça provém de um regresso aos valores da Pureza e Beleza arquetípicas da antiguidade clássica grega e cretense, estando esse retorno à «**luz branca de Creta**» também intimamente associado à redenção trazida por Jesus, à humanidade e ao universo, ao erguer-se «**a negra exatidão da cruz**». A esse propósito, importa recordar o poema **Ressurgiremos** (22).

Neste anseio de vivência harmoniosa, vivida aqui e agora, Sophia no poema intitulado **Em todos os jardins** projeta-se na antevisão de uma existência que estará já para lá dos portais da morte física (23).

Mais concretamente, neste poema, a morte não é um muro intransponível, mas o limiar de transição para uma dimensão existencial panteísta de plena identificação com os múltiplos encantos da Natureza, em cujo seio seremos festivamente acolhidos e bafejados pela sua secreta e envolvente plenitude.

Antes de concluir, gostaria de realçar que Sophia de Mello Breyner Andresen, entre os vários prémios nacionais e internacionais que foi recebendo ao longo da sua carreira literária, foi galardoada com o prestigiado **Prémio Camões**, no ano de 1999 e, dez anos após o seu falecimento, mais concretamente no ano de 2014, procedeu-se à sua **trasladação** para o **panteão nacional**, como homenagem à elevada e exemplar craveira cívica, cultural e literária deste grande vulto nacional que vale a pena recordar e respeitar, não só agora na passagem do seu primeiro centenário, mas também - por certo - ao longo dos tempos, pelas gerações vindouras.

Vamos terminar, com uma poesia de Sophia, do seu **Livro Sexto**, que se intitula: **O Poema**. Nesta poesia, traça-se a antevisão de um dia assim como este vivido por cada um de nós, em que Sophia já não está fisicamente presente, mas em que a magia da sua poesia continua a perpetuar a memória do seu nome, ao

passar de mão em mão o aflorar dos seus versos em plena comunhão com a natureza, fazendo lembrar o «**rumor do mar**» ou «**o passar do vento**» ou até o alvorecer de um novo alento a alguém devorado pela solidão (24).

Ressurgiremos

Ressurgiremos ainda sob os muros de Cossos
E em Delfos centro do mundo
Ressurgiremos ainda na dura luz de Creta
Ressurgiremos ali onde as palavras
São o nome das coisas
E onde são claros e vivos os contornos
Na aguda luz de Creta
Ressurgiremos ali onde pedra estrela e tempo
São o reino do homem
Ressurgiremos para olhar para a terra de frente
Na luz limpa de Creta
Pois convém tornar claro o coração do homem
E erguer a negra exatidão da cruz
Na luz branca de Creta.

(22)

Em todos os jardins

Em todos os jardins hei de florir,
Em todos beberei a lua cheia,
Quando enfim no meu fim eu possuir
Todas as praias onde o mar ondeia.
Um dia serei eu o mar e a areia,
A tudo quanto existe me hei de unir,
E o meu sangue arrasta em cada veia
Esse abraço que um dia se há de abrir.
Então receberei no meu desejo
Todo o fogo que habita na floresta
Conhecido por mim como num beijo.
Então serei o ritmo das paisagens,
A secreta abundância dessa festa
Que eu via prometida nas imagens.

(23)

O poema

O poema me levará no tempo
Quando eu já não for eu
E passarei sozinha
Entre as mãos de quem lê
O poema alguém o dirá
Às searas
Sua passagem se confundirá
Com o rumor do mar com o passar do vento
O poema habitará
O espaço mais concreto e mais atento
No ar claro nas tardes transparentes
Suas sílabas redondas
(Ó antigas ó longas
Eternas tardes lisas)
Mesmo que eu morra o poema encontrará
Uma praia onde quebrar as suas ondas
E entre quatro paredes densas
De funda e devorada solidão
Alguém seu próprio ser confundirá
Com o poema no tempo

(24)

